

Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram*

*Emotional argumentation
in a letter and in a post on
Instagram*

Suzana Leite CORTEZ (UFPE)
suzana.cortez@ufpe.br

Evandro de Melo CATELÃO (UTFPR)
evandrocatelao@utfpr.edu.br

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

* Trabalho apresentado no IV Workshop de Linguística Textual, em maio de 2020, organizado pelo grupo Protexto, na Universidade Federal do Ceará.

CORTEZ, Suzana Leite; CATELÃO, Evandro de Melo. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2422, p. 116-134, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2422.

Resumo: Problematicamos, neste estudo, o fazer argumentativo de textos pré-digitais e digitais nativos, marcadamente passionais, que visam a agir sobre o interlocutor através da mobilização de emoções. Teoricamente, este estudo articula conceitos provenientes das teorias de texto, do discurso e da enunciação. Sustentamos a hipótese de que, no campo da argumentação, a busca pelo acordo (ou desacordo) pode ser um ponto de geração de emoção, principalmente ancorada no preferível, ou seja, no campo dos valores e das crenças, que são empaticamente mobilizados. Objetivamos, assim, discutir, pela comparação entre carta de suicídio e postagem no *Instagram*, que tipo de orientação argumentativa é explorada pelos enunciadores. Os resultados da análise indicam que os textos são construídos de forma muito similar, no sentido de articulação dos pontos de vista e escolha dos tipos de argumentos (real/preferível) com a ação de linguagem visada pelos sujeitos. Nos gêneros discursivos que apelam para o sensível, parece haver uma problemática muito maior quanto ao uso de valores, dos fatos e das provas no interior das orientações argumentativas. Trazer ou questionar valores e interesses seria

também uma forma de trazer emoção ao discurso e de defender pontos de vista empaticamente.

Palavras-chave: Argumentação. Emoção. Ponto de vista.

Abstract: In this study, we problematize the argumentative work of pre-digital and digital texts, markedly passionate, which aim to act on the interlocutor through the mobilization of emotions. This investigation articulates concepts from text, discursive and enunciation theories. We support the hypothesis that, in the argumentation field, the search for agreement (or disagreement) can be a point of generation of emotion, mainly anchored in the preferable, that is, in the field of values and beliefs, which are empathically mobilized. By comparing suicide letters and Instagram posts, we aim, therefore, to discuss what kind of argumentative orientation is explored by enunciators in their productions. The analysis results indicate that the discourses are built in a very similar way in regard to the articulation of points of view and choice of the types of arguments (real/preferable) with a language action targeted by the subjects. In the discursive genres that appeal to the sensitive, there seems to have a much more significant issue regarding the use of values, facts, and evidence within the argumentative orientations. Bringing or questioning values and interests would also be a way to bring emotion to the discourse and to empathically defend points of view.

Keywords: Argumentation. Emotion. Point of view.

Introdução

Neste trabalho, objetivamos descrever e problematizar o fazer argumentativo de textos pré-digitais e digitais nativos de temática marcadamente passional, em que a ação visada esteja ligada à mobilização de emoções em contextos de morte. Ao comparar carta de suicídio e postagem no *Instagram*, analisamos que tipo de orientação argumentativa (OR-arg) é explorada pelos locutores/enunciadores em suas produções.

Os postulados teóricos que ancoram esse trabalho se filiam a teorias de texto, do discurso e da enunciação, nos limites do que vem se discutindo em grupos de estudo e pesquisa na área de Linguística Textual no Brasil, especialmente no grupo Protexto¹ e afiliados. Nesta proposta, vemos o ato de argumentar como a tentativa de os sujeitos agirem, posicionando-se no sentido de gerar acordo e/ou modificar visões de mundo (AMOSSY, 2018). Concordamos com Cavalcante *et al.* (2019, p.19), para quem:

Argumentar seria, assim, uma negociação persuasiva na tentativa de influenciar, de pôr em ação uma série de estratégias, dentre elas as textuais, para negociar, em uma determinada interação, certos pontos de vista, a partir dos quais se tenta influenciar o outro.

¹ Grupo coordenado pelas professoras Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) e Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB).

A questão problema que norteia a discussão liga-se ao modo como se argumenta nesta negociação persuasiva em que se evidencia a mobilização empática de emoções para a construção de pontos de vista. Na análise textual dos discursos de Adam (2011, 2019), identifica-se o ponto de vista (PdV) como o que é dito no interior da proposição-enunciado (unidade de base na análise textual/discursiva), relacionado à responsabilidade enunciativa. Esta se soma à representação discursiva (Rd), no nível semântico, e à orientação argumentativa (OR-arg) (potencialidades argumentativas sobre o que é dito). Pela teoria, não existe um enunciado isolado, pois ele sempre se liga/evoca a outros enunciados em resposta no interior dos processos de significação.

Nesse sentido, optamos por uma breve comparação do que entende Adam por ponto de vista e o que apresenta Rabatel (2008; 2017) sobre o assunto. Para o primeiro autor, o ponto de vista (PdV) é visto de maneira mais ampla, não específica, do que adotaremos, tendo em vista a perspectiva de Rabatel. Adam (2011, p.113) apresenta que

toda representação discursiva [Rd] é a expressão de um ponto de vista [PdV] [...] e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significante.

É por essa razão que delimitamos a noção de ponto de vista (PDV) aliando-na à emoção através da abordagem enunciativo-interacional de Rabatel (2013a; 2013b). Tal enfoque é produtivo, pois nos textos em análise, nos quais o apelo ao sensível é um traço marcante, argumenta-se sem parecer que o texto seja argumentativo, isto é, argumenta-se de forma indireta, ainda que não se defenda uma tese.

O interesse por este objeto de análise se pauta, ainda, pela necessidade de ampliar as discussões sobre as interações pré-digitais e digitais nativas sob o escopo argumentativo. Nessas interações (pré-digital e digital nativa), sustentamos a hipótese de que, no campo da argumentação, a tentativa de influenciar o modo de pensar, agir e sentir dos interlocutores, por meio do acordo (ou não), pode se estabelecer por OR-args no sentido de produzir emoções empaticamente representadas, principalmente ancoradas em valores que marcam também os pontos de vista desses sujeitos.

Neste trabalho, iniciamos a discussão sobre a noção de ponto de vista e mobilidade empática a partir dos trabalhos de Alain Rabatel e, em seguida, nos detemos ao campo da argumentação, dialogando com

Amossy (2018) e Plantin (2011), a fim de mostrar o que este trabalho toma por argumentação emocionada. Na continuidade, discutimos a noção de valor/valoração, com base em Perelman (1997), e, por último, nos dedicamos ao *corpus*, analisando as cartas e as postagens.

Ponto de vista e mobilidade empática

Na Linguística Textual brasileira, o termo ponto de vista é utilizado com frequência, sem que haja, em grande parte, uma preocupação teórico-nocional. É muito comum a asserção de que o texto/produtor do texto defende determinado ponto de vista ou que se argumenta para defender pontos de vista, sem que a noção teórica seja alvo de atenção. Observa-se, ainda, que o termo oscila junto a outros, como posição, posicionamento e opinião. Na França, contudo, os trabalhos de Alain Rabatel destacam-se pelo estudo desta noção, que foi inaugurado no Brasil, à luz dessa perspectiva, por Cortez (2003). Dessa forma, seguimos neste trabalho a orientação rabateliana para o entendimento desta noção, tomando por base os trabalhos de Rabatel (2008; 2015; 2016; 2017; 2018), Cortez (2011) e Pinto e Cortez (2017).

Ao retomar a distinção esboçada por Amossy² (2006), Rabatel (2016) advoga por uma visão de argumentação mais próxima da dimensão argumentativa do que da visada argumentativa, privilegiando a lógica inferencial de J.-B. Grize³ em detrimento da lógica silogística. Esse entendimento do que é explícita ou implicitamente argumentativo é tratado por Rabatel (2017), respectivamente, como argumentação direta e argumentação indireta. Para o autor, a direta realiza-se por meio de argumentos, conectores, enquanto a indireta dá-se por meio de “inferências a partir da construção dos objetos de discurso” (RABATEL, 2017, p. 27), em que se argumenta sem parecer que é argumentativo.

Desde os primeiros trabalhos do autor⁴, vê-se a preocupação em teorizar a noção como forma indireta de argumentação e analisá-la em esferas (inicialmente a literária) cujos textos não se caracterizam como de visada argumentativa. Esse interesse pela análise do PDV em seu aspecto indireto permite considerar os pontos de vista “que não

² Para Amossy (2006, p.33), a linguagem “comporta sempre uma dimensão argumentativa”, mesmo quando não há um projeto declarado ou estratégias explícitas.

³ Grize (1982) trata da lógica da argumentação por uma abordagem situacional, preparando o terreno para o estudo da argumentação numa dimensão interacional ante a uma dimensão estritamente objetiva, cognitiva e lógica: “Meu propósito é ‘formal’, mas tentarei não excluir uma abordagem situacional: espero na verdade preparar seu espaço” (p.184).

⁴ Rabatel (1997; 1998).

exprimem uma opinião explícita, mas que de qualquer modo exprimem uma, implicitamente, por conta das escolhas (explícitas) de referência.” (RABATEL, 2015, p. 156).

Essa preocupação com o que é implicitamente argumentativo é concretizada na obra de Rabatel devido ao deslocamento teórico-metodológico que ele opera na compreensão do PDV – tradicionalmente associado à noção genettiana de foco narrativo. Por meio desse deslocamento, passa a ser imprescindível considerar as escolhas lexicais operadas pelos locutores/enunciadores na análise do PDV. Em outras palavras, a referenciação dos objetos de discurso é uma espécie de espinha dorsal que sustenta a noção rabateliana de PDV. Conforme Cortez (2011, p.37), a teoria do PDV na ótica rabateliana reinterpreta a noção de foco narrativo, “tão cara ao estudo da focalização, deslocando o problema para a relação [...] sujeito enunciador e objeto de conhecimento”. Por isso, o modo de apresentação do objeto de discurso é revelador desse enquadre operado pelo produtor do texto, o qual confere atributos ao objeto de discurso:

Eu defino [o PDV] brevemente como uma predicação, que faz compreender o PDV do enunciador sobre o objeto de discurso referido, pela escolha das palavras, sua ordenação, independentemente da presença explícita de um julgamento (Rabatel 2008a): em outras palavras, há PDV quando a referenciação revela os objetos do discurso indicando o ponto de vista do enunciador sobre estes mesmos objetos (RABATEL, 2018, p.128 – tradução nossa⁵).

No entanto, é preciso considerar que essa agentividade do produtor do texto não se dá de forma solitária, mas necessariamente dialógica, o que faz com que a relação entre locutor e enunciador, ou a relação entre os enunciadores, esteja no centro da concepção do PDV, como postula Rabatel (2008). Assim, ainda que o PDV seja assumido ou defendido pelo locutor/enunciador primeiro (L1/E1, autor do texto), ele não é jamais isolado, nem manifestado de forma individual, porque está sempre em relação com outro(s) PDV(s), que pode(m) ser identificado(s) em uma análise textual e com o qual/os quais L1/E1 dialoga e marca posição, seja em consonância, seja em dissonância (RABATEL, 2008; CORTEZ, 2011). É neste sentido que os textos monogeridos são guiados por um PDV principal, o PDV do autor, que vai orientar a construção da coerência.

⁵ “je définis rapidement comme une prédication, qui fait entendre le PDV de l’énonciateur sur l’objet du discours dénoté, par le choix des mots, de leur ordre, indépendamment de la présence explicite d’un jugement (Rabatel 2008a): autrement dit, il y a PDV lorsque la référénciation dénote le ou les objets du discours tout en renseignant sur le point de vue de l’énonciateur sur ce(s) même(s) objet(s).”

Tal dinâmica estabelece o jogo de pontos de vista através dos quais os PDVs são representados: “Essa representação pode ser assumida pelo locutor/enunciador primeiro, encarregado de gerenciar as informações no discurso, ou ser atribuída por ele a outros enunciadores, que nem sempre são autorizados a falar” (CORTEZ, 2011, p. 38). Por essa ótica, mesmo quando não há falas reportadas, um PDV pode ser expresso por meio de pensamentos, percepções ou ações imputados a um enunciador por L1/E1.

Essa dinâmica na representação dos pontos de vista possibilita tratar da empatia em textos que argumentam de forma indireta. Consoante Rabatel (2013a), podemos dizer que a representação de PDVs é inescapável a um movimento de “mobilidade empática”. Quer dizer, não se argumenta sem ser empático, isto é, sem que seja possível “se colocar no lugar dos outros, sem fusão nem identificação⁶” (RABATEL, 2013a, p. 159). No dizer do autor, “A empatia linguística, sob sua versão enunciativa, consiste em colocar-se no lugar de um outro (interlocutor ou terceiro), um locutor que empresta sua voz a um outro para considerar um acontecimento, uma situação do ponto de vista do outro” (p. 160, tradução nossa⁷). Dessa forma, a empatia está implicada na problemática do PDV, tomando por base, conforme Rabatel (2013a), a distinção locutor e enunciador, e ainda, as emoções: “A empatia baseia-se nas emoções⁸” (p. 172).

É por esse entendimento que Micheli, Hekmat e Rabatel (2013) pleiteiam “o lugar do sensível na argumentação”, sendo a emoção vista não simplesmente como recurso, mas como constitutiva da própria argumentação. Por esse viés, Pinto e Cortez (2017) mostram que não se pode defender um ponto de vista sem que o afeto/a emoção esteja presente, ao que as autoras tratam como “argumentação emocionada”. Por isso, juntamente com este estudo anterior, assumimos que a discussão sobre o sensível é inescapável ao jogo dos PDVs que vai direcionar a orientação argumentativa do texto, não apenas pelo emprego dos recursos (semio)linguísticos, raciocínios esquemáticos, argumentos, mas o modo sensível e empático pelo qual os locutores mobilizam emoções, assumem PDV e imputam PDV a outros enunciadores.

⁶ “L’empathie humaine est une aptitude à se mettre à la place des autres, sans fusion ni identification”.

⁷ “L’empathie linguistique, sous son versant énonciatif, revient à se mettre à la place d’un autre (interlocuteur ou tiers), un locuteur prêtant sa voix à un autre pour envisager un événement, une situation du point de vue de l’autre.”

⁸ “L’empathie s’appuie sur des émotions”.

Nesse sentido, Para Rabatel (2013a, p.170), as emoções (“emoções dramatizadas”) são representadas em modo empático; mas, para que isso ocorra, elas são inferidas por meio das falas, percepções ou ações imputadas ao outro, ao invés de serem ditas pelo próprio locutor. Assim, “Em modo empático, o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) não exprime diretamente suas emoções, mas evoca mediaticamente emoções que ele imputa a um outro” (RABATEL, 2013b, p. 65, tradução nossa⁹).

Argumentação emocionada

A noção de argumentação emocionada, ou a própria definição de emoção, aparece em diferentes teorias e com múltiplos usos. Para a análise que pretendemos, traremos uma revisão do termo conforme ele é apresentado nas teorias argumentativas e sua implementação nos estudos do texto. Para Amossy (2018, p. 196), a noção de emoção já aparece na Retórica de Aristóteles junto ao que se entende por pathos, ou seja, em uma relação direta com o auditório na tríade (*Ethos* – orador, *Logos* – discurso, *Pathos* – *auditório*). Para a autora, o exame dessa característica cumpre ao uso do que pode, no auditório, tocar sua afetividade, em que para se “conhecer a natureza das emoções e o que as suscita, pergunta-se quais sentimentos o alocutário é suscetível em virtude de seu status”. Assim, reconhecer e estipular quais emoções se deseja promover em um determinado auditório seria uma atitude básica ao orador/locutor, visto que há correspondência direta entre seu espírito e as emoções que o auditório desenvolve. Nesse âmbito, é certo que, do ódio à amizade, determinadas formas e construções poderiam ser organizadas, mobilizadas e utilizadas pelo orador/locutor para esse fim. A própria retórica traz um exame das *pathé* sob três designações, as quais complementamos com nossas próprias percepções em filtros mais finos e que poderiam ser admitidos em análises do texto: seu estado de espírito (momento de vida – elemento temporal); tipos de pessoas (categorias axiológicas ou que valores defendem/ideologias que se filiam) e os objetivos do orador (ação visada).

Essas designações não seriam, segundo Amossy (2018), categorias facilmente delimitáveis dentro de um quadro retórico, mas elementos que remetem à observação de algo que iria além de uma

⁹ “En mode empathique, le locuteur-énonciateur premier (L1/E1) n’exprime pas directement ses émotions, il évoque médiatement des émotions qu’il impute à un autre.”

taxionomia por abarcar dados psicológicos ou até mesmo pragmáticos da situação sociodiscursiva. Pelas observações da autora, em detrimento à própria necessidade de, na construção do discurso, se seguir também pela racionalidade, a opção de conquistar a adesão pela emoção não seria apenas uma característica do discurso epidíctico (no qual o apelo às emoções é creditado como válido), mas também dos outros gêneros retóricos. Gerar emoção pode ser vista, então, como uma ferramenta a mais para a persuasão, o que não isentaria a retórica das possíveis problemáticas provenientes do uso da relação razão-paixão.

Essa visão é complementada pela autora com o que cita Plantin (1996 *apud* AMOSSY, 2018, p. 196) a respeito do duelo razão vs. paixão. O autor frisa, para a criação da teia argumentativa, a velha máxima de que todo discurso deve “ensinar, agradar, tocar”, uma alusão ao par convencer/persuadir, em que no primeiro se usa a razão e, no segundo, os dados/instrumentos do coração. Essa empreitada descrita pela autora nos leva a uma visão bipartida que nos direcionaria a possíveis usos de uma espécie de busca de entremeios, ora na razão, ora na paixão, de forma a articular um discurso que poderia pender a um ou ao outro.

Sobre as paixões e a razão, Breton (2003) salienta existir uma vasta série de sentimentos humanos que rumam em uma direção ou outra e vão se inter cruzando com o produto da sabedoria popular e da própria racionalidade, ou seja, seria algo próprio da forma como interagimos. Para o autor, o que move a humanidade seria, muitas vezes, uma espécie de racionalização da emoção, ou seja, a tentativa de traduzir representações de amor, afeto e sentimento para o domínio argumentativo e discursivo. Nisso, estende a ideia no sentido de que só há razão na ciência, no que se baseia única e exclusivamente em fatos ou verdades. Assim, tudo que está fora da ciência é apenas afeto ou emoção (BRETON, 2003, p. 56).

Nesse tipo de delimitação, Plantin (2011) aproxima ainda a emoção do preferível. Ele afirma que a argumentação por emoção pode ser reconhecida quando um determinado argumento utilizado pertence ao campo dos valores particulares, seja na intenção do enunciador, seja na organização/escolha dos argumentos que vão compor o discurso. É nesse sentido que o autor reconhece a argumentação afetiva (ou argumentação guiada pela emoção) como uma estratégia facilmente contestável, por serem argumentações que partem de valores e interesses (do orador e do auditório). “A problemática moderna dos valores (‘em nome de...’) remete às problemáticas da afetividade e das orientações

argumentativas” (PLANTIN, 2011, p. 26) à medida que questionar valores e interesses de outro grupo seria também trazer emoção ao discurso, uma vez que se exprime uma forma de axiologização dos discursos. O autor estipula, assim, um limite taxonômico à definição de argumentação afetiva, traçado sob certa impossibilidade de se demarcar um ponto de vista sem que ele esteja ligado de alguma maneira à emoção/valoração, o que se alinha ao que discutimos na seção anterior.

Essa característica apresentada por Plantin (2011) guiaria, de certo modo, o que a retórica e nós estamos entendendo como categoria de pessoas segundo seus valores e a ação visada (interesses do orador e do auditório), pois nada adianta um discurso baseado em fatos se o auditório não se interessa por eles. Ou, como cita Gilbert (1730 *apud* AMOSSY, 2018, p. 198): “o que não toca é contrário à persuasão”; ou, citando Perelman e Olbrechts-Tyteca (*apud* AMOSSY, 2018): não se convence se não se sabe persuadir.

Valoração e orientação argumentativa

A problemática da argumentação emocionada que comporta a discussão sobre as emoções e a mobilidade empática apresentada anteriormente remete, no nível textual, às potencialidades argumentativas quanto a assumir ou imputar pontos de vista. Aproximamos essa delimitação à máxima argumentativa do aumento da adesão à tese na nova retórica. Perelman (1997), sobre essa adesão, discute que nem sempre podemos ter como ponto de partida o acordo com o real, ou seja, o uso de fatos ou verdades. Os valores, hierarquias e lugares são também pontos suscetíveis de adesão a uma tese que poderiam ser evocados junto às provas reais.

Destacamos ainda, nessa discussão provocada pelo autor, a possibilidade de caracterização da argumentação emocionada pelo que ele descreve como ideal clássico e ideal romântico. Essas duas classes compreendem representações de duas realidades distintas, e delas podemos recolher noções que nos ajudam particularmente a entender as projeções do ponto de vista e o uso de valor/valoração e emoção. A distinção entre as duas classes é realizada pela descrição dos lugares de qualidade e quantidade. O lugar de qualidade, segundo Perelman (1997), representa certa superioridade demarcada como algo único ou raro. Em termos de valoração, o sujeito pode optar por valorar não algo durável, coletivamente empregável, mas o que é efêmero, transitório, particular,

orientando argumentativamente o texto para o que seria um ideal romântico, emocionado. Como exemplo, o ideal de “beleza”, aplicado a um ser ou coisa por um enunciador, eleva seu valor e pode se projetar nas categorias amar algo, preferir algo (lugar de qualidade), como no verso *A Noite*, de Antônio Gonçalves Dias: “Eu amo a noite taciturna e queda! Amo a doce mudez que ela derrama”¹⁰. O mesmo tipo de mecanismo ocorre com o chamado lugar do irreparável, do insubstituível e do incomparável, que pode gerar uma forma de comoção, como no tipo de valoração quando se perde alguém querido: “E hoje, o Tarcísio. Meu eterno Euclides da Cunha, o João Coragem que ninguém esquece” (comentário da escritora Glória Perez, em sua rede social, na ocasião da morte do ator Tarcísio Meira, trazendo relação temporal com o falecimento do ator Paulo José¹¹). Na prática, podemos orientar o texto no sentido de valorar um bem, um ser, ou uma coisa como algo insubstituível.

Para Perelman (1997), graças aos lugares de qualidade, rejeitamos o consentimento comum em função de uma verdade que é puramente pessoal, ou seja, o sentimento passa a ser o foco da discussão, não a razão. É nesse sentido que o autor caracteriza o sujeito romântico como aquele que se apega “aos valores concretos, aos indivíduos insubstituíveis e às relações de amor que nos ligam a eles” (PERELMAN, 1997, p. 190), personificando, por exemplo, a pátria ou a raça e a eles atribuindo paixões, sacrifícios e fidelidade, traçando o PDV ligado a esses valores. Dessa maneira, no discurso, entrelaçamos nosso ponto de vista junto à forma/maneira como valoramos um objeto/ser em relação a outros e acabamos por orientar nossos dizeres e negociar esse mesmo PDV. Desse ponto, na argumentação emocionada se fundem representações de cunho romântico e místico ligadas aos valores. Como ilustração disso, a argumentação dominada pela emoção inverte a superioridade das coisas e, por amor, se sacrifica o dono e não o animal, apesar da existência da máxima clássica que rege essa hierarquia homem-animal. Nas representações criadas, tudo passa a depender não do que é coletivo, mas da individualidade e do poder de valoração criado no pensamento romântico. Em resumo, a marca da afetividade está na beleza do que é transitório, da obsessão pela morte, da nostalgia da infância e/ou dos diferentes tipos de exaltação de seres ou coisas (PERELMAN, 1997).

¹⁰ Dias, Antônio Gonçalves. *A Noite*. In: **Segundos Cantos**: poesia completa e prosa escolhida. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p.249.

¹¹ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/celebridades-lamentam-morte-de-tarcisio-meira-nosso-maior-gala.shtml>. Acesso em: 28/08/2021.

Desse ponto, ampliamos as formas de persuasão em duas direções: a primeira, pelo apoio em premissas sobre o que o interlocutor admite ou não, ou ao que Perelman (1997) chama de situação argumentativa sob a qual a modificação do ponto de vista ocorre pela utilização de argumentos opostos ou argumentos que foram ignorados em uma dada argumentação; a segunda, na possibilidade de contestação do discurso que se baseia no real (razão) pela utilização da emoção (figura 1). A força da emoção estaria na reivindicação e no posicionamento de que certa verdade é ilusória e, por isso, deve ser substituída por uma verdade elevada, incomensurável, intuitiva (PERELMAN, 1997).

Figura 1 – Tipos de valoração



Fonte: os autores.

De uma perspectiva analítica, e também guiados pelo que apresenta Plantin (2011), entendemos que a figura do locutor/enunciador age de forma significativa no interior de uma situação argumentativa, pois ele pode articular qual emoção, quem a experiencia (outro enunciador e ele mesmo na relação com outro enunciador) e que tipo de efeito ela pode gerar no interlocutor (OR-arg). Lembrando que a argumentação emocionada que aqui analisamos se marca por diferentes pontos de vista geridos por L1/E1, negociando de forma persuasiva seu PDV, na tentativa de influenciar o interlocutor ou um terceiro. Nessa engrenagem, o L1/E1 (orador) pode ser o próprio experienciador da emoção, um eu que sente e sempre na relação com o outro. De modo empático, pode transferir a emoção a outro enunciador sob a ótica de seu PDV ou indicando a emoção que ele próprio afirma sentir.

Dessa maneira, o ponto de vista na argumentação emocionada pode ser guiado, e é o que pretendemos visualizar nas análises, pelos chamados pares filosóficos que vislumbram (figura 1), grosso modo, tipos de pares opostos provenientes do par principal abstrato/concreto, em que concreto se refere à OR-arg emocionada e o abstrato, ao discurso embasado em fatos ou que deles são gerados, OR-arg não emocionada (PERELMAN, 1997).

Descrição da geração de dados e dos procedimentos de análise

Os formatos, as ações visadas e os próprios ambientes em que se encenam dizem muito sobre os efeitos discursivos possíveis para um texto. É nesse sentido que tomamos como *corpus* dois textos (um pré-digital e outro digital nativo) para a análise da argumentação emocionada. Para tanto, delimitamos entre os procedimentos de análise dos textos as seguintes etapas: (i) identificação dos PDVs, que, por meio da assunção de responsabilidade e imputação, ancoram os discursos passionais em ambas as dimensões (pré-digital e nativo digital); (ii) discussão do tipo de valoração utilizado; e (iii) discussão do tipo de OR-arg mobilizada nos textos e sua relação com a argumentação emocionada.

Os textos, na seção análise de dados, estão reproduzidos pela sua transcrição (carta) e pelo *print* de tela direto do *Instagram*, com as devidas coberturas dos nomes dos sujeitos anônimos, permanecendo apenas os nomes das personalidades públicas. A carta selecionada para a análise foi escrita no ano de 1909 e coletada em 2010, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro em inquéritos policiais de suicídio (inquérito da 9ª pretoria, notação T7 1138 – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro). As postagens foram coletadas no *Instagram*, no ano de 2021, na página da atriz e apresentadora Tatá Werneck, na ocasião do falecimento de seu amigo e colega de trabalho, o ator Paulo Gustavo. Apesar da distinta situação sociodiscursiva de produção e do distanciamento temporal, os dois exemplos são representativos de duas realidades (pré-digital e digital nativa) e estão ancorados em um tipo de argumentação emocionada ligada à morte.

Para o segundo momento de análise (texto digital nativo), acreditamos que pessoas públicas que postam seus comentários/textos nas redes sociais virtuais devem estar cientes do caráter público desses ambientes, podendo o material ser coletado, examinado ou analisado em estudos científicos. Além disso, essa identificação contribui para a contextualização e para o enquadre discursivo dos aspectos a serem analisados nas postagens. Para a carta, no momento de sua coleta, foi concedido o direito de utilização dos documentos pesquisados e coletados na íntegra, para fins científicos, pelo arquivo público. Apesar disso, o traço temporal desses textos não permite a identificação total dos interlocutores dos documentos ou de parentes próximos vivos que possam contestar seu uso em pesquisas científicas.

Análise 1: texto pré-digital e a empatia

Para o primeiro momento da análise, selecionamos uma composição de 1909, em referência a uma situação sociodiscursiva que envolveria a escrita de cartas com a ação visada de realizar algum tipo de despedida e trazer os motivos da intenção pela morte voluntária. O documento caracteriza-se por uma das três cartas escritas por J. N., pensionista, descrita no inquérito em que as cartas foram anexadas como uma mulher de “avançada idade”, viúva e sem filhos. O inquérito expõe ainda que alguns papéis por ela escritos e encontrados sobre um dos móveis de seu quarto de pensão “denunciam a desordem de seu espírito incitado pelos arroubos de uma paixão amorosa mal correspondida” (s.p.). Na sequência, trazemos a transcrição do documento com uma delimitação do plano retórico prototípico da carta (exórdio, narração, confirmação, peroração, fechamento):

Texto 1 – Carta de suicídio

<1 ABERTURA> [1]Imo° João

<EXÓRDIO> [2]Digo-lhe adeus para sempre! [3]Sou a mulher mais desgraçada que piza o sollo criado por Deus; e devo morrer! <NARRAÇÃO/CORPO ARGUMENTATIVO> [4]quando receber esta carta! Eu já não existo! [5]Mato-me porque devo morrer! é este o seu único descanso neste mundo! Não é verdade? <CONFIRMAÇÃO> [6]Ousa-me Imo° João! Sofri um golpe tão atrás em minha vida!... que em menos de 24 horas emvelheci! [7]Que pareço-me já um cadáver! [8]Pensei logo em matar-me!... quando estive escrevendo, já tenho em meu poder o veneno que devo tomar, e vou tomallo sem fazer um queixume! [9]Meu Deus me perdoe! [10]Porem tenho sofrido tanto tanto que já não tenho coragem para rezistir! [11]Imo° peço-lhe que não me odeia, me fez a mulher mais desgraçada que vive neste mundo! para que me queria emganar! [12] nada mais lhe digo! [13]o que eziste no meu quarto é seu! em sua malla seja [ilegível bem]! [14]Junto a esta carta vai um papel que servirá para prova se opores do que está no quarto, e vai a carta dos trastes! ,<PERORAÇÃO> [15]Imo João o golpe que sofri é mortal! [16]Adeus para sempre! [17]Creia-me a 2 meses que vivo na emcerteza meu bom amigo! [18]Queria illudir-me amim própria! [19]porem cheguei ao conhecimento da verdade! e mato-me sou uma desgraçada! <FECHAMENTO>[20]Adeus meu bom amigo![21] Adeus para sempre

Adeus

Sempre a mesma J. N.

Nesse documento, diferente de muitos outros em que o traço temporal dificultaria a reconstrução do contexto de produção de forma tão precisa, algumas informações presentes no documento maior (inquérito) no qual a carta foi coletada trazem informações que por

si só possibilitam evocar um conjunto de imagens que são também sinalizadas pela própria locutora/enunciadora.

Situando os enunciadores deste texto, vamos encontrar J. N., como L1/E1, e Imo^o João como enunciador segundo (e2). O PDV de L1/E1, como sendo o PDV principal que conduz a OR-arg da carta, constrói-se pela abundância de asserções explícitas no modo de referir-se a si/ao seu sofrimento¹²: “Sou a *mulher mais desgraçada* que piza o sollo criado por Deus”; “*Sofri um golpe* tão atrás em minha vida!... que em menos de 24 horas envelheci! Que *pareço-me já um cadáver!*”; “*tenho sofrido tanto tanto* que já não tenho coragem para rezistir!”; “mato-me sou uma *desgraçada!*”. Estas asserções, contudo, não estão isoladas na carta, o que faz com que o PDV de L1/E1 também seja construído pelo movimento interativo em que J. N. dialoga com Imo^o João, representando o seu PDV (PDV de e2) por imputação: i) “é este o seu único descanso neste mundo! Não é verdade?” [e2 não aguenta mais L1/E1, mas e2 vai descansar]; ii) “me fez a mulher mais desgraçada que vive neste mundo! para que me queria enganar!” [e2 enganou e fez sofrer L1/E1]; iii) “Imo João o golpe que sofri é mortal!” [e2 golpeou L1/E1]. Conforme podemos notar, o PDV de e2 é representado por meio de ações e percepções a ele atribuídos, sem que este precise falar.

Notamos ainda que, no contexto do documento, o primeiro destaque aparece em relação ao tema do amor e da morte em sintonia com outras valorações que também se relacionam ao contexto de recepção particular (de L1/E1), ao social (interlocutores possíveis) e à ação visada (esclarecer/persuadir). O texto sinaliza a estratégia de persuadir pelo destaque das emoções sentidas, no modo empático, e do sofrimento causado pela desilusão amorosa em que a morte é valorada como uma solução.

Esse contexto estabelece um regime enunciativo em que o locutor/enunciador primeiro assume a responsabilidade por seu ato em razão de um bem maior, na valoração da morte como porta de saída do sofrimento (sofrimento, portanto suicídio como forma de libertação). Este é um ponto de vista assumido com certa recorrência em relação ao mesmo tipo de situação sociodiscursiva em que a vida perde sentido quando o amor não é correspondido. O discurso passional, nesse caso, encontra-se imerso em um conjunto de valorações em aproximação: sentido da vida, amor e a vida, ausência de amor e a morte. No contexto de recepção, outras Rds coocorrem, como **amor na velhice, velhice e a**

¹² Adicionamos destaques em itálico nos trechos citados.

solidão, apresentadas pela locutora/enunciadora (“que em menos de 24 horas envelheci! Que pareço-me já um cadáver!”) e também presentes no contexto da produção e para o tipo de motivação sugerida no inquérito.

Quanto às categorias axiológicas, essas valorações sinalizam um tipo de evocação da emoção pelo uso de valores concretos, do lugar da qualidade, do que é irreparável e insubstituível. A valoração ocorre pela descrição minuciosa do sentimento causado pelo enunciador segundo, ao qual é imputada a razão do sofrimento (“me fez a mulher mais desgraçada que vive neste mundo!”). Nesses limites axiológicos, os valores e os sentimentos são o foco da discussão e são apresentados segundo o que o L1/E1 imagina que seu interlocutor admita: *a crença em Deus; a posse e doação de bens; a devoção ao outro e o sacrifício próprio pelo outro*. Valores concretos são acionados em um par enunciativo característico da figura do “eu” apaixonado e do “tu” indiferente.

No que se refere à OR-arg, esse tipo de discurso patêmico monogerido é guiado por um tipo de estratégia do “em nome de...”, no contexto específico, *em nome do amor* ou *pela falta dele*. Há o que Plantin (2011) apresenta como um questionamento dos valores e dos interesses acompanhados de emoção no sentido de persuadir. Todo o discurso se orienta ao acordo movido pelas emoções de L1/E1 e pela forma como ela valora a relação amorosa com o interlocutor e2. Somos guiados a ter tanto empatia quanto a nos compadecer pelo sentimento e devoção de L1/E1.

Análise 2: texto digital nativo e a emoção compartilhada

Como dito anteriormente, na análise dos textos digitais nativos, contamos com a análise de um exemplar coletado no início de 2021, no contexto pleno da pandemia da Covid-19. A postagem aconteceu antes do falecimento do ator e apresentador Paulo Gustavo, o que gerou grande comoção nacional e entre os colegas de trabalho do ator, e foi feita pela também atriz e apresentadora Tatá Werneck.

Nesse segundo momento de análise, apesar das diferenças quanto à situação sociodiscursiva em relação à primeira, a ação visada também se liga a um tipo de despedida; contudo, no contexto de produção dos entes queridos que ficam e são confortados pelas pessoas mais próximas. L1/E1 visa, nesses limites, a realizar uma homenagem ou trazer seus sentimentos em relação à perda do ente querido. Ao contrário do primeiro documento que se expressa em um contexto privado, a postagem traz como recepção um contexto público que, nas interações

digitais, sofre ampliação quanto ao alcance do PDV assumido. Além disso, a locutora/enunciadora é também uma pessoa de vida pública, fato que, de certa forma, repercute nos dizeres assumidos.

No texto, as orientações são construídas por meio de noções que se filiam tanto a uma atitude de valorar o outro (sujeito homenageado) quanto a apresentar um conjunto de sentimentos ou ações que resvalam em uma autovaloração, ambas encaminhadas a uma espécie de auditório universal. Novamente, quanto aos índices patêmicos, temos um tipo de valoração que também segue pelo concreto, pelo lugar da qualidade, destacando a morte como algo irreparável e o homenageado como insubstituível e incomparável. No texto, o campo das representações segue pelas valorações: parceiro, alegre, dedicado, expressivo, generoso, sofredor. Todos esses valores guiam o PDV principal de “virtudes, portanto, segunda chance”, com um forte apelo emocional. O PDV de L1/E1 também é guiado pela representação empática das emoções presentes nos valores direcionados a si próprio, como: temente e crédulo a Deus e seus milagres, sincero, humilde, despretensioso, benevolente, nostálgico.

131

Texto 2 – Postagem em rede social



Fonte: Instagram.

Nesta postagem, assim como ocorre na carta, L1/E1, Tatá Werneck, não constrói seu PDV, o PDV principal, de forma isolada. O PDV da atriz baseia-se na visão de que o amigo é sinônimo de alguém cheio de vida, mesmo estando doente e tendo tido “uma noite difícil”. A postagem é um

tipo de rogativa pela recuperação do amigo e um apelo ao público para que orem. Ao defender seu PDV, L1/E1 atribui qualidades ao amigo (objeto de referência) – “aquele que não permite que seu dia seja ruim”, “que se dedica a te fazer gargalhar”, que é “VIDA PURA” e “GENEROSIDADE” – ao mesmo tempo em que representa o PDV de Paulo Gustavo (e2 nesta postagem) por imputação: e2 gargalha, dedica-se a fazer L1/E1 e qualquer pessoa gargalhar e está encarando a doença de forma positiva. Outros dois enunciadores são identificados nesta postagem: Deus (e3) e a família de Paulo (e4) (filhos, mãe, irmã e marido), cujos PDVs são: Deus faz milagre e resolve tudo (PDV de e3) e a família de Paulo não vê a hora de Paulo voltar para casa (PDV de e4).

Ao final do texto, a atriz se solidariza com todas as pessoas doentes que, assim como Paulo, sofrem com a Covid-19. Esta ação ancora mais um PDV, que é imputado aos doentes (e5). Por essa mobilidade empática, emoções de outros enunciadores são representadas no campo da dor, ao mesmo tempo em que dois objetos de discurso principais são perspectivados: o sofrimento (da atriz, da família e de outros doentes) e o ator Paulo Gustavo.

Assim como na análise anterior, no contexto de produção do documento, os índices patêmicos (OR-arg) ligam amor e morte, agora não como uma forma de libertação da dor, mas de separação entre os entes queridos. Tudo isso aparece em sintonia com outras valorações que se relacionam em três limites: exaltação do homenageado; descrição da dor sentida no que poderíamos caracterizar como uma autoexaltação despretensiosa da locutora/enunciadora e uma súplica emocionada (empatia) de oração e conforto à família (aos interlocutores possíveis). O texto sinaliza uma estratégia de persuadir que, no ambiente digital, aproxima-se de uma mão dupla, em função, principalmente, do aumento enunciativo gerado pela plataforma digital. L1/E1 não fala somente aos seus, mas também a um público tão diversificado quanto variado, como se pode observar no comentário da atriz Lília Cabral (L2/E2 no bloco de textos¹³), cujo PDV deriva do PDV de Tatá Werneck, estando em consonância com ele. Se por um lado temos a homenagem e o pedido de orações, por outro há o autoenaltcimento no destaque das emoções sentidas e da benevolência ao sofrimento do outro, mesmo que essa não seja uma ação visada.

¹³ Neste trabalho não nos dedicamos a analisar a representação dos PDVs no bloco de textos constituído pela postagem e seus comentários. Essa discussão ainda está para ser feita.

Considerações finais

Nas análises, a maneira como os PDVs são ancorados, por assunção de responsabilidade ou por imputação, nos discursos passionais, foi emblemática em ambas as dimensões (pré-digital e digital nativo), no que se refere a manifestações de emoções e valores sobre a morte ou quanto aos sentimentos em relação a ela. As OR-args mobilizadas nos textos foram apresentadas como forma de despedida, entrega ou no sentido de os locutores/enunciadores incorporarem uma atitude de benevolência frente ao/aos interlocutor/es. O suporte das OR-args para a argumentação emocionada fixou-se no lugar da qualidade (valores concretos), pelo irreparável, insubstituível em ambos os gêneros. Esse dado sugere que, apesar dos distanciamentos temporal e de dimensão, o tipo de relação empenhada pelos produtores pouco se alterou.

De uma maneira geral, nos gêneros discursivos que apelam para o sensível, parece haver uma problemática maior quanto ao uso de valores, dos fatos e das provas no interior das OR-args, o que também recai sobre a relação razão-emoção. Trazer ou questionar valores e interesses foi também uma forma de investir o discurso de emoção e de argumentar empaticamente por meio de emoções. Em ambos os textos, a origem das emoções descritas partiu da busca por certa empatia do outro pela dor sentida por L1/E1.

No que diz respeito ao modo como se argumenta, na negociação persuasiva, evidenciou-se uma forte mobilização empática de emoções, carregada de valores, para a construção de pontos de vista nos textos pré-digital e digital nativo. Esse dado coaduna com nossa hipótese de que, no campo da argumentação, o modo de pensar, agir e sentir segue nesses textos pelo acordo no sentido de produzir emoções empaticamente representadas como dimensão argumentativa.

Referências

- ADAM, J.-M. **A linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J.-M. **La linguistique textuelle**: introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris: Armand Colin, 2008.
- ADAM, J.-M. **Textos**: tipos e protótipos. Trad. Mônica Magalhaes Cavalcante (et al). São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

CORTEZ, S. L. **Referenciação e Construção do Ponto de Vista**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

CORTEZ, S. L. **A Construção textual-discursiva do ponto de vista**: vozes, referenciação e formas nominais. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

MICHELI, R.; HEKMAT, I.; RABATEL, A. Les émotions: des modes de sémiotisation aux fonctions argumentatives. **Semen**, v. 35, p. 7-16, 2013.

PLANTIN, C. Análise e crítica do discurso argumentativo. EID&A – **Revista Eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação**. Ilhéus, n.1, p.17-37, nov. 2011.

PERELMAN, C. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Do *pathos* retórico à ‘empatia rabateliana’: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras**, Fortaleza, n.36, v.2, jul.-dez.2017.

RABATEL, A. **Une histoire du point de vue**. Metz: Université de Metz, 1997.

RABATEL, A. **La construction textuelle du point de vue**. Lausanne-Paris: Delachaux & Niestlé, 1998.

RABATEL, A. **Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit**. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration. Limoges : Editions Lambert-Lucas, 2008.

RABATEL, A. Empathie et émotions argumentées en discours. **Le discours et la langue**, v. 4. 1, p. 159-178, 2013a.

RABATEL, A. Écrire les émotions en mode empathique. **Semen**, v.35, p. 65-82, 2013b.

RABATEL, A. Retorno sobre um percurso em enunciação: uma entrevista com Alain Rabatel. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso], Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 147-164, jul. – dez. 2015.

RABATEL, A. En amont d’une théorie argumentative de la polyphonie, une conception radicale de l’énonciation comme énonciation problématisante. **Verbum XXXVIII**, 2016, no 1-2, 131-150.

RABATEL, A. Les stratégies émotives d’un repentir public offensif. In: RABATEL, A. **Pour une lecture linguistique et critique des médias**: empathie, éthique et point(s) de vue. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RABATEL, A. Du sens et de l’interprétation au prisme de la problématique translinguistique du point de vue. **Orbis Linguarum** vol. 50/2018.